

Historicizar indumentária (e moda) a partir do estudo de artefatos: reflexões acerca da disseminação de práticas de pesquisa e ensino no Brasil

Historicizing dress (and fashion) from the study of artifacts: reflections on the dissemination of research and teaching practices in Brazil

Rita Morais de Andrade
ritaandrade@hotmail.com

Resumo

Há quase duas décadas disseminou-se uma metodologia de pesquisa para o estudo de indumentária que vem crescentemente influenciando o ensino de história da moda (mais do que da indumentária) e os projetos de pesquisa em cursos de pós-graduação no Brasil. Trata-se do estudo com base na observação e análise de artefatos, do inglês “object-based research”. Método amplamente empregado por profissionais de áreas como arqueologia, antropologia, conservação de bens culturais e museologia, o estudo de artefatos é comumente relacionado à cultura material, às questões ligadas ao patrimônio histórico-cultural e à memória. Neste ensaio, proponho uma reflexão acerca da disseminação de metodologias de estudo de indumentária por meio da análise de artefatos visando a pesquisa e ensino de história da moda no Brasil. Conceitos e aportes teóricos bastante citados em artigos científicos e de divulgação no país, a exemplo do método proposto por Jules Prown (1982), bem como desafios à patrimonialização da indumentária no país serão tratados e revisados considerando-se um amadurecimento necessário para este campo de investigação.

Palavras-chave: ensino de história da indumentária no Brasil, estudo de artefatos, cultura material.

Abstract

Nearly two decades ago a research methodology applied to the study of dress has been spread out and has, ever since, increasingly influenced the teaching of fashion history (more than dress history) and research projects in undergraduate courses in Brazil. The study based on observation and analysis of artifacts, derived from the English expression “object-based research”, is an approach which had already been widely used by professionals in areas such as archeology, anthropology, conservation of cultural heritage and museology and which is commonly related to material culture, cultural heritage and memory. This essay proposes a reflection on the dissemination of research and teaching practices in Brazil aiming to

historicize dress through object based research, which, I understand, has developed into visual analysis. Concepts and theoretical frameworks which have been disseminated across the country, such as a methodological approach to use object-based-research proposed by Jules Prown (1982), will be reassessed in order to open up new venues for research procedures in this field.

Keywords: dress History teaching in Brazil, object based research, material culture.

Recentemente dei início a um novo projeto em sala de aula para alunos de graduação do curso Design de Moda da Universidade Federal de Goiás. A disciplina é Moda no Brasil. Elegi uma pintura a óleo que há tempo me interessara e cuja reprodução em cartão postal eu guardava havia anos. Refiro-me a “Leitura”, do paulista Almeida Junior datada de 1892 e hoje parte do acervo da Pinacoteca do Estado, em São Paulo, que está em exposição permanente.

Nesta proposta de metodologia de ensino e aprendizagem, não só utilizo reproduções da obra referida – principalmente as que estão disponíveis em rede, mas também a do cartão postal e de livros de história da arte – para refletir a respeito e colocar em discussão os modos de historicizar a indumentária e também a moda a partir da análise de imagens e artefatos. Apesar da impossibilidade, e talvez mesmo da impropriedade, de concluir um projeto de pesquisa em uma disciplina semestral de 32 horas-aula, propor exercícios de análise coletiva de um objeto durante as aulas produziu os melhores resultados de avaliação de desempenho dos alunos se comparado com métodos tradicionais de ensino que já utilizei, os quais privilegiam historiar e não historicizar. Quando os alunos foram convidados a observar a imagem e descrever seus componentes visuais, para depois historicizá-la, isto é, compreendê-la em suas dimensões de produção e circulação histórico-social por meio de levantamento de dados em outros documentos, foi possível tratar indumentária e moda como objetos de pesquisa e motivar os alunos a construir conhecimento. A literatura especializada auxilia, mas não é utilizada como verdade definitiva. Ao contrário, é à luz das observações e levantamento de dados complementares extra-aula que pode-se empreender a problematização dos resultados de pesquisa disponíveis na literatura, construindo a capacidade crítica de novos pesquisadores.

Para citar um exemplo do que propus acima, retomo o uso de imagens de “A Leitura” (1892). Já num momento relativamente avançado da análise, quando procurávamos

(eu e os alunos) identificar os trajes retratados por Almeida Junior, iniciamos uma discussão a respeito do que aparentava ser um tipo de capa de cor escura, provavelmente preta, colocada sobre um braço da cadeira que aparece em primeiro plano no lado direito da imagem. Depois do debate, os alunos concluíram que a tal capa devia pertencer a um homem, já que havia outras indicações de presença masculina ali, como um pequeno objeto aparentando couro marrom sobre o assento da cadeira. A tarefa para a aula seguinte foi a pesquisa a respeito das capas vestidas por homens e mulheres. Os alunos foram convidados a buscar na literatura especializada em história da moda e do vestuário, e também em outras imagens – retratos em fotografias e pinturas – em que algum tipo de capa aparecesse. O resultado desse levantamento surpreendeu a turma porque aprenderam que não apenas homens, mas também mulheres vestiram capas longas e escuras (algumas chamadas de guarda-pó) no Brasil do final do século XIX. Concluimos que seria difícil atestar pela análise daquela imagem se o que víamos em “Leitura” era uma capa, se era de fato preta e se seria usada por homem ou mulher. Mais que isto, o exercício colaborou para uma leitura crítica sobre textos a respeito da obra, a exemplo da sua legenda na exposição permanente da Pinacoteca do Estado de São Paulo em que se lê que a capa é um manto masculino.

A partir deste tipo de problematização, é possível discutir interpretação, processos e procedimentos de pesquisa. Experimentando o trabalho do pesquisador e sentindo os desafios da pesquisa e de se historicizar a moda, os alunos desejam estudar a indumentária e percebem com maior consciência a ausência do artefato na literatura especializada no Brasil. Em retrospectiva, creio que esta seja uma solução-síntese que foi sendo forjada como resultado de meus anos, para mais de duas décadas, de pesquisa sobre a história do vestir. Este ensaio é uma tentativa não só de reter, mas também de revisar algumas das conquistas à luz da crescente massa de publicações de trabalhos que fazem menção à moda e sua relação com a cultura material, que não tem resultado em estudo com base na análise, ainda que visual num primeiro momento, da indumentária - o artefato -, mas sim de sua imagem.

Os aspectos materiais da indumentária e o estudo de artefatos

Não é o objetivo deste ensaio conceituar ou ponderar sobre a variedade de definições acessíveis a respeito do que seja cultura material. Outros, como Daniel Miller, e Ulpiano Bezerra de Meneses – para mencionar apenas dois entre autores estrangeiros e brasileiros com produção consistente sobre o tema - já o fizeram de modo muito melhor do que eu jamais poderia fazer. Enquanto o primeiro buscou discutir uma epistemologia da

materialidade da cultura e tem se aproximado de temas ligados ao consumo (MILLER, 2007), para o último, as marcas materialmente inscritas nos artefatos não explicam por si aquilo que deve ser problematizado por quem analisa ou estuda o objeto, em suas palavras, “tais atributos são historicamente selecionados e mobilizados pelas sociedades e grupos nas operações de produção, circulação e consumo de sentido. Por isso, seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos” (MENESES, 1998, 91).

Contudo, e como modo de introduzir a discussão que gostaria de promover aqui, vale dizer que toda a produção humana, não excetuando-se as roupas, pode ser objeto de estudo e considerado material da cultura, materialidade cultural, objeto que enseja valores impossíveis de dissociar da condição humana, ainda que sejam estes, objetos não humanos ou desprovidos de uma humanidade¹. Se, a despeito disso, pensarmos em cultura como uma vasta esfera que transcende o que possa ser visto aos olhos ou materializado em coisas, a cultura material pode ser ainda o produto do que antes costumava-se denominar natureza: paisagens e sítios modificados por continuas ou descontínuas ações, intervenções humanas, a exemplo das que são efêmeras, como certos rituais, festas, ou outros eventos que não se coisificam em objetos e artefatos, mas que respingam neles.

Numa celebração de casamento, para exemplificar, o vestido da noiva poderá ser objeto material que representa valores culturais, mas jamais poderá ensejar ou tomar o lugar do casamento que ocorreu. A cerimônia é objeto intangível, cuja vivência escapa ao discurso e ao que se materializou para sua realização – roupas, mobiliário, coisas – porque é constituído por muitos outros elementos, inclusive pelos corpos e sua sociabilidade, mas também ao que não pode ser incorporado às imagens (MITCHELL, 2005) que se produziram sobre o evento – fotografias, filme, ilustrações, ruídos, sons, etc. Há produtos da cerimônia que bem poderiam ser referidos como agentes da vida humana e dos valores que ela produz, reproduz e transforma, mas que não “ficarão para a história”, porque não serão registrados, documentados e seus vestígios poderão escapar aos interesses ou às possibilidades técnicas de pesquisa. Vinhos derramados sobre toalhas brancas (que serão lavadas), bebidas que caem no chão e cujo líquido deverá evaporar sem que possa impedir outros elementos químicos de reagirem com o ambiente e sobre o piso, alimentos degustados que nutrirão e transformarão os corpos, e os sentidos que todas estas e outras coisas produzem nem sempre poderão ser identificados nas análises visuais, físico-químicas (com auxílio de técnicas e tecnologia apropriadas) e consulta a fontes de pesquisa correlatas, como as literárias.

¹ Certamente é desejável observar questões éticas e legais em relação à esta produção. Há, por exemplo, códigos de ética elaborados pela UNESCO e entidades associadas.

Para enfrentar este desafio, na esfera da patrimonialização é que a noção de patrimônio cultural imaterial ou intangível passa a ser difundida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que vem desenvolvendo ações para ampliar o conceito de patrimônio e, em 2003, adotou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Nela, além dos artefatos que podem ser vistos, considera-se fenômenos intangíveis, como a dança, produtores de sentidos constituintes e representantes dos valores humanos. Houve, portanto, uma mudança importante na compreensão da produção humana nos muitos aspectos de suas culturas. O corpo, nesta visada, pode ser considerado além de um objeto estudado ou de um sujeito que estuda, um agente importante da intangibilidade nas práticas sociais. De modo que, alguns discursos a respeito da cultura material passaram a, mais recentemente, chamar nossa atenção a respeito da ausência da corporeidade humana nas ações desenvolvidas nos e pelos museus e nas publicações que derivam de pesquisas cujo objeto de estudo seja, centralmente, algum artefato². Eu arriscaria dizer que a falta da percepção de nossa corporeidade recai também sobre as aulas em que história da indumentária é historiada, como discutido inicialmente. Parece-me, portanto, que historicizar a indumentária, como a moda (sistema ou fenômeno), em conjunto com os alunos e por meio das aulas seria uma solução inteligente para utilizar a aula como uma ferramenta de construção de conhecimento.

O que percebo, apesar desta nova perspectiva estar atualmente circulando em meios acadêmicos, é que ela não está sendo empregada ou considerada na sua importância para os estudos sobre indumentária e moda. Parece haver uma predileção por fórmulas que foram bem sucedidas e que possuem, talvez, algum amparo legitimado por uma certa erudição teórica ou por um bom arranjo entre conceitos teóricos. Refiro-me, por exemplo, ao emprego da proposta de Jules Prown (1982) e a ideia de biografia cultural e circulação social de objetos, como em Arjun Appadurai (1986) e Igor Kopytoff (1986), ambos conceitos explorados e aplicados em conjunto, de modo original, à um estudo de indumentária resultando em tese (ANDRADE, 2008). O emprego de fórmulas deste tipo está presente em pré-projetos encaminhados para seleções de cursos de pós-graduação, em propostas de artigos para publicação em periódicos qualificados no Brasil, em comunicações e até mini cursos ofertados por jovens pesquisadores e alunos de mestrado nos eventos científicos e acadêmicos como o Colóquio Nacional de Moda.

² Refiro-me, por exemplo, à conferência de Ulpiano Bezerra de Meneses na abertura da 23ª Trienal do ICOM, Rio de Janeiro agosto de 2013.

Estamos, portanto, diante de um desafio a ser transposto: a noção de metodologia de investigação, de pesquisa para indumentária pode ser aplicada no lugar de replicada. Se pudéssemos traduzir isto para o universo da música, seria como repetir arranjos sonoros conhecidos pelo estilo clássico – com modo usual do piano, violino etc. - para representar sons e ruídos que não tiveram ainda alguma representação sonora de composição musical inexplorada. Algumas produções do músico Naná Vasconcelos poderiam bem exemplificar minha tentativa de tecer uma analogia entre essas novas metodologias de renovar o método de investigação aplicando-o no lugar de descrevendo-o. Sem dúvida que a descrição metodológica é importantíssima, mas, no caso de projetos de pesquisa científica (por falta de melhor expressão) sobre indumentária e, talvez também sobre moda, parece-me urgente fazer uma certa alquimia em que o método sirva ao objeto estudado e não o contrário.

Cultura Material e a produção de conhecimento sobre história da indumentária e/ou da moda no Brasil

Não estou certa se seria possível datar precisamente quando foi escrito o primeiro texto a respeito de indumentária com base no estudo, na observação e análise de artefatos³. Talvez, seja mesmo uma falsa questão, esta de encontrar a primeira vez que este tipo de estudo se deu. Parece-me muito mais importante, do ponto de vista do ensino-aprendizagem e dos procedimentos de pesquisa para historicizar a indumentária e/ou a moda (dentro e fora da aula), compreender as transformações ocorridas nos processos de investigação aos quais temos acesso. Identificar as contribuições que métodos de análise centrados no estudo de artefatos e imagens, isto sim, parece-me um bom exercício para refletir sobre e elaborar a partir deles procedimentos de pesquisa que sejam efetivamente adequados para produzirmos conhecimento no lugar de ou em complementação à manutenção e perpetuação de histórias já escritas, de conhecimentos dados que acabam, não raro, ganhando status de verdades definitivas. Não me parece inadequado relacionar a isto a crescente preocupação dos órgãos do governo responsáveis por avaliar e financiar a produção científica nas universidades brasileiras. A Capes e o INEP, por exemplo, tem incentivado professores e programas de pós-

³ Lou Taylor (2002 e 2004) fez um levantamento de estudos sobre indumentária na Grã-Bretanha, países da Europa e América do Norte.

graduação a formar pesquisadores aptos a contribuir para o amadurecimento e consolidação das diversas áreas do conhecimento no país⁴.

Uma das etapas essenciais para este projeto é localizar este tipo de estudo no tempo e espaço. Mais que estudar e ensinar uma história da indumentária e da moda a partir de fontes secundárias, penso que seja fundamental entender – ao menos tentar – como essas histórias foram construídas: quais seus pressupostos; a partir de quais fontes e por quais metodologias de pesquisa; qual a formação, os interesses e o escopo delimitados pelo pesquisador-escritor; em que conjuntura histórico-cultural (social) o trabalho fora realizado? O quanto óbvio possa parecer esta trajetória que descrevo, creio ser importante praticá-la.

Estudar a história da indumentária e/ou da moda através de novas publicações resultantes de pesquisas recentes no Brasil e exterior é fundamental para nos localizarmos em relação a uma produção coletiva da área (se é que podemos ou queremos nos denominar uma área de estudos, mas este é um assunto para outro ensaio). O que proponho é que façamos nós, pesquisadores e alunos de pós-graduação, também os de iniciação científica na graduação, o exercício que me parece importante e talvez mesmo urgente de “sentar à máquina e costurar”, ou seja, de tecer nossos caminhos de investigação e contribuir para a construção de um conhecimento maior e historicizado a respeito da indumentária em nosso país.

Isto não significa que não tenhamos trabalhos resultantes de pesquisas com diferentes abordagens metodológicas e teóricas que tenham corroborado para uma efetiva transformação no cenário da produção intelectual a respeito da história da moda, do tecido, da indumentária no Brasil. Há algumas contribuições importantes já identificadas por pesquisadores atuantes. Sophia Jobim, por exemplo, cuja coleção de trajes, ilustrações e outros documentos foi doada ao Museu Histórico Nacional, sabemos foi professora de história da indumentária na Universidade Federal do Rio de Janeiro e se autodenominava “indumentarista”, uma invenção terminológica que merece ser investigada naquilo que esta possa revelar sobre o desenvolvimento ou a transmutação das perspectivas e abordagens metodológicas utilizadas por professores em sala de aula e em suas pesquisas.

Chegamos então, na meada desta proposição, à seguinte questão: como realizar pesquisa a partir de imagens e artefatos, leia-se, por um exemplo, indumentária no Brasil? Se delimitarmos nossos recursos de pesquisa apenas aos acervos dos museus brasileiros, teremos

⁴ Importante conhecer o recente debate acerca do produtivismo acadêmico e a necessidade de uma produção científica de alcance internacional. Sugiro a leitura do trabalho de Valdemar Sguissardi e João dos Reis Silva Júnior (2009).

mais de 3.000 instituições já mapeadas pelo IBRAM para darmos conta. Destas, muitas possuem indumentária e quem frequenta museus possivelmente já se deparou com uma variedade de modos com que este tipo de objeto compõe os acervos: alguns, como museus ferroviários, terão algum tipo de indumentária que representa o uniforme do maquinista, do operador do trem; outros terão coleções inteiras dedicadas ao tema e a uma época específica, como é o caso dos museus históricos e de alguns museus de arte. De acordo com pesquisa e levantamento de dados sobre indumentária em museus do Brasil⁵, há milhares de trajes e de seus componentes, fragmentos têxteis, panos, em condições variadas de conservação e de salvaguarda que compõe uma parte significativa do patrimônio histórico-cultural brasileiro.

O maior desafio que enfrentamos atualmente está no acesso às informações referentes a este imenso e rico, variado acervo de indumentária nessas instituições⁶. Muitas delas não tem arrolados os artefatos têxteis ou objetos pessoais – duas categorias entre as quais encontramos indumentária nos museus – e, portanto, não podem fornecer dados específicos ou precisos em relação à quantidade e à descrição desses objetos. Quando estão arrolados, inventariados, muitas vezes não há documentação e registro de dados suficientes para o pesquisador nas fichas catalográficas que são comumente a primeira via de acesso dos pesquisadores aos acervos. Quando há dados coletados a respeito dos materiais que compõe o traje, não é raro encontrarmos (sabemos disso após o estudo do próprio artefato) equívocos nas descrições, que derivam da quase total ausência de especialistas contratados pelos museus das áreas relacionadas a este tipo de artefato, especialmente conservadores têxteis e historiadores especializados – duas áreas de formação que ainda não são encontradas no país, precisando o pesquisador buscar formação no exterior⁷.

“Leitura”, voltando à sala de aula

O desafio de utilizar indumentária, o artefato, em sala de aula ou em visitas a museus especializados e suas reservas técnicas, a exposições permanentes e temporárias é uma questão importante a ser discutida para uma consolidação da área de conhecimento

⁵ Artigos com resultados desta pesquisa estão em processo de edição para publicação em revistas especializadas e resultam de meu estágio de pós-doutoramento.

⁶ A este e também à respeito da questão da gestão em museus, sugiro a leitura Manuelina M.D.Cândido (2013).

⁷ Por exemplo, cursei um programa específico para formação de pesquisadores em História de têxteis e indumentária na Inglaterra (MA History of Textiles and Dress, University of Southampton, 1998-2000). Outro caso conhecido é da conservadora de têxteis Teresa Cristina T. de Paula, pós-graduada em conservação têxtil no The Textile Conservation Centre, Courtauld Institute of Arts, Londres, o que contribuiu para a criação do Setor de Têxteis do Museu Paulista/USP na década de 1990, um dos poucos, senão o único, especializado entre museus públicos do Brasil.

específica no país. Alguns pesquisadores já apontaram este desafio no contexto do patrimônio histórico e cultural brasileiro (PAULA, 2006; ANDRADE, 2008; DUARTE, 2013). Apesar disto, há muito que se fazer e pouco fizemos para alertar a sociedade (civil e suas representações institucionais) e as instituições públicas responsáveis a respeito do grave estado de preservação das coleções nacionais de indumentária. Enquanto não for possível fazer do patrimônio público objeto de estudo nas universidades (incluindo-se aí as aulas de graduação e de pós-graduação), além de nos museus, teremos um déficit na construção e consolidação da pesquisa a respeito do vestir no Brasil. Não apenas por esta razão, mas talvez também por causa dela, o uso de imagens como recurso didático é o que tem suplantado a ausência de artefatos para estudo em aulas.

Contudo, e apesar desse quadro que poderia parecer desanimador, principalmente diante dos jovens pesquisadores que estão hoje em diversos cursos de pós-graduação de áreas correlatas ao dos estudos sobre indumentária – programas de artes, em sua maioria – houve avanços. O interesse crescente de professores e estudantes dos cursos de pós-graduação, visto por um aumento considerável de publicações sobre o tema, em eventos como o Colóquio Nacional de Moda (desde 2001), o Seminário Internacional Tecido e sua conservação no Brasil: museus e coleções (MP/USP, 2006), o I Seminário de História e Historiografia de Indumentária e Moda (UFG/USP/UNIBO, 2013) e o aumento notável na participação de brasileiros no Costume Committee/ICOM a partir de 2012-13⁸ são indícios de que alguma mudança está em curso. Em relação aos projetos de pesquisa, há uma predominância de ações isoladas de pesquisadores, ainda quando estão vinculados a Grupos de Pesquisa. São raros projetos de pesquisa interdisciplinar financiadas por instituições públicas, como foi o caso do Projeto Replicar (Museu Paulista/USP. 2009-2010)⁹. Contudo, é necessário transpor coletivamente, como campo de estudo, entraves que persistem e que ameaçam o desenvolvimento mais autônomo da pesquisa no Brasil, como é o caso da reificação de aportes, abordagens e modelos metodológicos de pesquisa que apenas aparentam um progresso, mas que fundamentalmente reiteram interpretações passadas.

Referências

⁸ Antes disto, havia apenas três representantes brasileiros no referido comitê: Emília Duncan, Claudio e Rita Morais de Andrade. O fato de a reunião trienal do ICOM ter sido realizada no Rio de Janeiro foi importante para a adesão de mais de uma dezena de novos membros. Graças a este esforço inicial de aumentar a participação desses pesquisadores no Comitê Internacional Costume, a reunião anual do comitê em 2014 na Grécia tem pela primeira vez na sua história a apresentação de trabalhos de brasileiros.

⁹ O projeto pode ser conhecido através do hotsite: <http://www.mp.usp.br/replicar>.

ANDRADE, R. M. *Boué Soeurs RG 7091: a biografia cultural de um vestido*. 2008. Tese (Doutorado em História Cultural) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

APPADURAI, A. Introduction: commodities and the politics of value. In: APPADURAI, A. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 3-63, 1986.

CÂNDIDO, M. M. D. *Gestão de museus, diagnóstico museológico e planejamento: um desafio contemporâneo*. Medianiz, 2013.

KOPYTOFF, I. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, A. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 64-91, 1986.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e Cultura material. In: *Revista Estudos Históricos*, vo.11, n.21, 1998, p.89-103. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a03v1328.pdf>.

MITCHELL, W. J. T. Mitchell. *What Do Pictures Want? Essays on the Lives and Loves of Images*. Chicago: University of Chicago Press, 2005)

PAULA, T. C. T. (Org.) . *Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções*. 1. ed. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2006. v. 01. 384 p

PROWN, J. Mind in Matter: An Introduction to Material Culture Theory and Method. *Winterthur Portfolio*, The University of Chicago, vol. 17, n. 1, p. 1-19, 1982.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã, 2009

TAYLOR, L. *The Study of Dress History*. Manchester University Press, 2002.

_____. *Establishing Dress History*. Manchester University Press. 2004